

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 3\$00
ASSINATURA ANUAL 30\$00

Ano X — Número 110

Fevereiro de 1972

Credo Adventista

- CREMOS** em Deus, Pai todo-poderoso, criador dos céus e da terra.
- CREMOS** em Jesus Cristo, Seu unigénito Filho, Deus de Deus, nascido da Virgem Maria, natureza divina revestido da natureza humana, crucificado sob Pôncio Pilatos, morto, sepultado, ressuscitado ao terceiro dia, assumpto ao Céu, onde tomou lugar à dextra de Deus Pai e donde virá no fim do mundo dar aos bons e aos maus a justa recompensa dos seus actos.
- CREMOS** no Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade, consolador sempre presente na Igreja, repartidor dos mais variados Dons Espirituais, revelador dos Desígnios Divinos.
- CREMOS** nos Anjos de Deus, seres celestiais enviados ao mundo para guardar os filhos de Deus.
- CREMOS** no poder da oração que nos une a Deus.
- CREMOS** que a Bíblia Sagrada, Velho e Novo testamentos, desde o Génesis ao Apocalipse, é a Palavra de Deus, por Ele inspirada e que, por isso, é o fundamento da Doutrina Cristã.
- CREMOS** que Jesus, Filho de Deus, morreu não pelos seus pecados visto não ter pecado, mas em lugar de todo o pecador, que, arrependido a Ele se confessa para que, pelos méritos da Sua morte, sejam perdoados os pecados e tenham os pecadores contritos um lugar no Reino de Deus.
- CREMOS** que a Fé bem compreendida e praticada com o auxílio de Deus nos fará subir no caminho da santificação «sem a qual ninguém verá a Deus».
- CREMOS** que a santificação compreende o regresso da humanidade arrependida à obediência dos Divinos Mandamentos, na inscrição da Lei de Deus nos corações dos crentes, o restauro da imagem de Deus no homem, a qual foi destruída desde a transgressão de Adão.
- CREMOS** que a Lei de Deus foi dada no Monte Sinai e se compõe de princípios entre os quais figura o descanso semanal ao Sábado (Sétimo dia da semana), que deve ser respeitado por todos quantos, como o apóstolo S. Tiago, compreendam que quem transgredir um só mandamento se constitui réu de toda a Lei.
- CREMOS** que vivemos em tempos solenes, preditos nas Sagradas Escrituras, em que se estão cumprindo os sinais dados por Jesus, que apontam para a proximidade do Fim do Mundo, da Gloriosa Volta de Cristo, do estabelecimento do Seu Reino de Paz e de justiça. Entre esses sinais sobressai este: «o evangelho do reino será prègado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes e, então, virá o fim».
- CREMOS** que toda a alma humana da última geração ouvirá o derradeiro apelo de Deus e que todos os que desejam salvar-se darão a sua adesão aos princípios eternos do Evangelho de Jesus.

A Insegurança, companheira indesejável

«E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas.» (S. Lucas 10:41)

Desde o instante em que Eva, acedendo ao convite do demónio, comeu o fruto proibido, a insegurança tornou-se a companheira indesejável de cada ser humano. Satanás prometera aos nossos primeiros pais que seriam como deuses, conhecendo o bem e o mal. Infelizmente, a insegurança é um dos elementos deste saber adquirido pelo seu acto de rebelião. Se eles se tivessem contentado com o conhecimento do bem, teriam conhecido uma eterna segurança, tanto económica como social. Era esse o plano de Deus a seu respeito.

Para a maior parte de nós a única certeza é a incerteza. A incerteza que não conhece qualquer fronteira, seja ela nacional, racial, social ou de fortuna. Desde que o homem atinge a idade em que se torna consciente das suas necessidades essenciais, alimentação, vestuário e abrigo, ele teme o instante em que disso será privado e este temor gera a insegurança. É um sentimento que, qual verme roedor, se insinua na consciência e inclui nos pensamentos e acções do homem ao longo de toda a sua vida.

Um estranho fenómeno acompanha este temor. Quanto mais forte é esse sentimento, mais o egoísmo se apodera dos objectos que simbolizam a segurança. Todavia, por mais estranho que isso possa parecer, é então que os meios que asseguram a segurança estão paralisados.

A vida consiste em receber e dar. O regato que desce o vale a cantar recebe a sua água cristalina da neve que se funde. Por

sua vez, ele dá a sua água ao rio que a leva ao oceano. Finalmente fecha-se o ciclo quando a água é devolvida à montanha sob a forma de neve ou de chuva. Se o regato guardasse a sua água, a sua nascente secaria e ele seria transformado numa sucessão de charcos estagnados. O mesmo acontece quando um homem ou uma mulher egoísta retêm o que receberam dos seus semelhantes.

Este princípio foi ilustrado numa pequena cidade dos Estados Unidos cuja economia dependia essencialmente da exploração florestal. Durante cerca de três meses, cada inverno, as operações de abatimento tornavam-se mais vagarosas. Todavia, enquanto que as intempéries não afectavam as serrações que dispunham de importantes reservas de madeira, os proprietários destas suspendiam os seus pagamentos. Invocando como desculpa a estação, interrompiam a circulação de moeda na comunidade e dificultavam a vida a toda a gente: operários, comerciantes e profissões liberais.

Parecia estranho que numa região economicamente sã uma depressão artificial pudesse ser provocada tão facilmente por menos de uma dúzia de homens. Na realidade a sua verdadeira razão era simplesmente uma incerteza acerca do futuro: possibilidade de breve prolongação do mau tempo ou flutuação imprevista do mercado, que poderiam devorar as suas reservas. Assim, o temor de um futuro incerto provocava uma crise anual em centenas de lares.

Qualquer que seja a razão, qualquer que seja o problema, o dinheiro afecta milhões de pessoas e desempenha um papel importante no seu sentimento de segurança. Um homem teme não encontrar emprego, outro receia perder o seu. Um outro ainda economiza mas não sabe o que fazer às suas economias. Se as esconde em casa, o fogo pode destruí-las, ou os ladrões tirar-lhas; se as investe, pode perdê-las; se as confia a um banco, uma depressão pode, também, desapossá-lo.

A tudo isto junta-se um outro factor que escapa a toda a explicação lógica: o sentimento de insegurança cresce com a idade. O individuo torna-se então cada vez mais egoísta, cada vez mais ávido e acumula bens que lhe é impossível desfrutar, mas que ele crê que são indispensáveis à sua segurança.

Um homem consideravelmente rico chegava aos últimos anos da sua vida. Alguns anos antes ele adquirira uma propriedade sobre que tencionava especular. Para sua grande consternação a terra perdera o seu valor e já não tinha senão metade do valor do preço de compra. Tratava este homem que se encontrava confinado ao leito um médico recentemente instalado na comunidade. Dia após dia, quando o médico o visitava, o doente procurava vender-lhe a sua propriedade. Por mais incrível que pareça um dos últimos actos conscientes deste homem foi tentar transformar em benefício um mau investimento, embora tivesse dinheiro suficiente para prover às suas necessidades durante anos. Menos de 24 horas antes de morrer, ele mobilizou as suas últimas energias e, num esforço deradeiro, procurou levar a bom termo a transacção. O seu sentimento de insegurança privou-o de uma morte serena. Precisava de amontoar um pouco antes de expirar.

Será este um exemplo extremo? Seria difícil encontrar hoje, mesmo entre os cristãos, um homem livre de todo o sentimento de insegurança. Os pobres inquietam-se com receio de não ter o suficiente, os ricos querem ainda mais ou temem perder o que têm.

No princípio, Deus tinha provido a satisfação das nossas necessidades materiais com uma abundância tal que nunca teríamos conhecido a insegurança. Mas, quando Adão pecou, ele renunciou a esta segurança divina. A seguir, Deus ofereceu-nos um plano de redenção. Não proveu ele algo que diga respeito aos nossos cuidados materiais? Está o homem condenado a viver a sua breve vida atormentado por um sentimento de insegurança? Seria isso um castigo suplementar pelo seu pecado?

A resposta é não! Deus amou de tal maneira os Seus filhos transviados que deu o Seu Filho único a fim de os trazer novamente ao seio da Família Celestial. Do mesmo modo que um pai não poderia suportar ver o seus filhos ansiosos acerca das suas necessidades quotidianas, um Deus amante não poderia ser testemunha de um mundo onde dolorosas criaturas se desolariam num incessante estado de mórbida inquietação, do berço à tumba. Jesus dizia: «Não andeis pois inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? ... De certo vosso Pai Celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas.» (S. Mat. 6:31-32).

No plano da salvação, Deus proveu uma espécie de «Seguro Social» que, bem compreendido e aplicado, deve garantir ao homem os elementos essenciais à sua vida: alimentação, vestuário e abrigo. Isso não quer dizer que se assegura a cada pessoa prosperidade segundo os padrões do mundo, embora essa fosse a intenção de Deus tanto para o novo como para o antigo Israel.

É preciso ser capaz de assumir a prosperidade. Ela pode ser uma cilada. O próprio Salomão não foi bastante sábio e não soube enfrentar os perigos da fortuna. Assim, Deus confia a cada ser humano aquilo que ele é capaz de administrar sábiamente e provê cada um dos Seus filhos com os elementos indispensáveis à sua vida material. Isso deve ser suficiente: «Contentando-vos com o que tendes; porque Ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei.» (Heb. 13:5).

Assim, Deus quer que os homens estejam calmos e confiantes quaisquer que sejam as circunstâncias. Deseja que coloquem n'Ele a sua confiança, que vivam sob a Sua direcção, conhecendo as Suas intenções que não visam senão o interesse das Suas criaturas. Quer que considerem cada experiência da sua vida como mais um passo em direcção à felicidade eterna.

Como estaremos nós satisfeitos num mundo de insatisfação? Como poderemos nós sentir-nos ao abrigo num mundo onde a insegurança política, financeira e mesmo geológica conspiram para nos tornar inseguros? Para melhor compreendermos o plano de Deus a nosso respeito na sociedade contemporânea, precisamos de recuar até ao alvor da história para aí descobrir o plano original de Deus.

MELVIN E. REES

Visado pela Censura

A Administração da Vida

por Leonard Ayers

«Antes de poder compreender o assunto da mordomia, deves esquecer-te da necessidade que a igreja tem de dinheiro.»

Este foi o novo e estranho pensamento que aflorou à mente de um oficial da igreja ao se encontrar sentado no escritório de um secretário de mordomia. Para ele este assunto tinha sempre significado angariar dinheiro; na verdade, a razão desta visita era procurar dar assistência na resolução de problemas financeiros na igreja local. Mas se então a mordomia não significa meramente dar dinheiro, que significa então?

No seu sentido mais verdadeiro, a mordomia refere-se à administração da vida de um homem baseada numa relação de amor pessoal com Deus, o possuidor do universo. Isso inclui, sem reservas, tempo, talentos, bens materiais, e mesmo a própria vida de um mordomo. O homem possui todas estas coisas como depósito e é responsável diante de Deus pela sua sábia administração. Para Deus, a mordomia devia tornar-se um rumo de vida tendente a prover uma recreação espiritual da caída família humana. Devia permitir ao homem o grande privilégio e a oportunidade de trabalhar com o Onnipotente, Omnisciente e Omnipresente Deus do Universo. Por meio de tal relação, o homem receberia a garantia de segurança perfeita, facto esse baseado nas promessas de Deus — um Deus que pode controlar tudo o que nos rodeia, e é Senhor de todas as situações. Mais ainda, a mordomia deveria ensinar ao homem que a verdadeira felicidade é alcançada por meio de uma completa confiança, e uma dependência total do amoroso Pai Celestial.

O verdadeiro objectivo da mordomia tem sido sempre proporcionar uma relação com Deus que dê em resultado o reconhecimento do homem do direito de propriedade de Deus. Já quando Adão se encontrava no jardim do Eden, Deus

salientou este princípio. Depois da terra ser criada, e tudo o que nela havia, Adão recebeu o domínio sobre todas as coisas. Foi colocado no paraíso terreno como representante de Deus — o Seu mordomo. O homem não se tornou porém proprietário do mundo e de tudo o que nele há mas apenas seu depositário. Todas as coisas foram criadas para serem desfrutadas por ele, tornando-se por elas responsável. Havia contudo uma excepção, que consistia na árvore da Ciência do Bem e do Mal. Adão não possuía segurança eterna — tinha de demonstrar a sua aliança com Deus, e a sua aptidão para a vida eterna. Por meio da árvore da Ciência do Bem e do Mal, o homem devia ser ensinado a respeitar e a reconhecer o direito de propriedade de Deus. Quando Adão comeu do fruto da árvore proibida, transferiu a sua aliança para Satanás e uniu-se aos rebeldes contra o governo celestial. Consequentemente, deixou de ser um candidato digno de confiança para a vida eterna, e Deus foi obrigado a proibi-lo de se aproximar da árvore da vida.

Deve ser claro que no começo a mordomia não estava relacionada com a pregação do evangelho, ou com a construção de igrejas. No Eden, Deus tinha um contacto constante e visível com os nossos primeiros pais, mas após a introdução do pecado este contacto tornou-se impossível. Contudo, Deus não esqueceu a humanidade caída, mas tornou-a participante do plano da salvação. Dessa maneira Deus voltaria a recrear à Sua imagem o homem, e continuaria a desfrutar de uma experiência diária com o Seu povo. Como canal da graça de Deus e das bênçãos materiais para este mundo, o homem é responsável pelas necessidades físicas da igreja que tem como missão a pregação do evangelho. Deus, o proprietário, dá tudo o que é necessário, e o homem, como administrador, torna-se Seu agente. Assim os

mantimentos da Sua benevolência continuam a fluir, e o Céu proverá para que tal experiência nunca deixe de existir. Nunca foi o único objectivo da mordomia prover às necessidades materiais da igreja — esse foi apenas o meio que Deus escolheu para manter a igreja com o Seu dinheiro — o que devia ser feito por meio de uma mordomia fiel. O verdadeiro objectivo da mordomia tem sido sempre proporcionar uma relação com Deus que reconheça o princípio proprietário—administrador.

Israel recebeu uma instrução específica por duas razões: (1) Para garantir que nunca perdessem o seu sentimento de dependência de Deus, e (2) Impedilos de se esquecerem da sua relação divinamente ordenada com o Mantenedor de tudo.

Hoje este assunto tem uma importância vital porque está muito implícito na correcta compreensão e prática dos seus princípios. Deus não dará uma segunda oportunidade à família humana. Assim como Adão foi provado para determinar a sua aptidão em permanecer no jardim do Éden, o homem, hoje deve passar por uma experiência semelhante. Cada membro da família divina deve evidenciar a sua aptidão para ocupar um lugar no Eden-restaurado. Diariamente, a atitude do homem para com Deus é demonstrada pela administração do tempo, dos talentos, das coisas materiais, porque tudo isso pertence a Deus. Ao darmos estas coisas a Deus, motivados pelo amor, fazemos uso do único meio que temos para mostrar a nossa lealdade e gratidão.

«A saúde espiritual e a prosperidade da igreja estão dependentes, em grande medida, da beneficência sistemática». 3 T 405. Se cada membro fosse totalmente dedicado a Deus na administração sistemática da vida, teria lugar um reavivamento e reforma; verificar-se-ia um emprego altruista de tempo, talentos e meios a fim de terminarmos a obra de Deus na terra. Contudo, o coração egoísta, na sua ambição por dinheiro e segurança material, tem levado a maior parte dos cristãos a interpretar mal os grandes princípios da mordomia. O acto de dar é considerado como uma

necessidade desagradável em vez de uma oportunidade maravilhosa de dispor do que Deus tão liberalmente nos tem dado, proporcionando-nos uma maior aproximação de Deus e do nosso próximo. Como resultado, a obra é retardada pela falta de fundos, os caracteres cristãos não se desenvolvem, e a Chuva Serôdia é retardada porque Deus nunca poderá derramar o Seu Espírito sobre uma igreja egoísta.

Hoje, a maior necessidade da igreja não é de dinheiro, mas de uma regeneração espiritual do coração, e de uma extirpação total do egoísmo. Se a necessidade do dinheiro puder ser esquecida, e se cada membro puder aprender a praticar os verdadeiros princípios da mordomia cristã, então todas as necessidades da igreja serão automaticamente supridas, através de corações transbordantes de amor e gratidão. Este não é o único plano que Deus tem para o Seu povo, porque Ele promete abençoar a sua fidelidade. Ele tem mil maneiras que ainda nos são completamente desconhecidas.

A MELHOR PETIÇÃO

«Não oreis por vida fácil. Orai para que possais ser homens fortes!

Não oreis por tarefas de acordo com o vosso poder. Orai por poder igual à vossa tarefa!

Não oreis por campo bom. Orai por almas sinceras!

Não oreis para obter riquezas. Orai para alcançar corações!

Se Jerusalém fôr na verdade a vossa Cidade Santa, sem dúvida há nela uma cruz.

Só os que trilham o caminho da cruz, da renúncia e do dever conseguirão alcançar a vitória».

Folha do Outono, Março de 1970.

Um Deus para esta era Espacial

Dr. Fernando Chaij

Entre os paradoxos desta década singular de contrastes em que vivemos, se destaca o aparecimento de um curioso movimento moderno encabeçado por um grupo limitado de dirigentes religiosos e professores universitários, (os principais são: Tomás J. J. Altizer, professor da Universidade de Emory, Atlanta, E. U. A.; Guilherme H. Hamilton, professor da Faculdade de Teologia Colgate, de Rochester, Nova Iorque e Paulo Van Buren, professor da Universidade de Temple, Filadelfia) que pretendem afirmar a morte de Deus. A seu ver, eles ascenderam a um nível de intelectualidade mais elevado do que o da imensa maioria de seus colegas e correligionários e se jactam de terem chegado portanto, a um grande «descobrimento»: «A morte de Deus».

Estes pensadores protestantes pretendem navegar em uma corrente «nova», mas se esquecem que, apesar de sua arrogância, a negação de Deus é praticamente tão antiga como a humanidade. Por isso, dez séculos antes de Cristo o salmista escreveu: «Disse o néscio no seu coração: Não há Deus». (Sal. 14:1). E ao fazê-lo anunciou a tendência ancestral de uma linha ininterrupta de pessoas que caíram vítimas da arrogância intelectual, pois segundo explica o apóstolo Paulo, «inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos». (Rom. 1:22).

Em tempos mais recentes, o filósofo francês Augusto Comte, em meados do século passado, elaborou uma teoria segundo a qual a humanidade como tal teria passado colectivamente por três etapas ou estados sucessivos: o estado teológico ou das ficções, o metafísico ou da abstracção filosófica e o científico ou positivo. Segundo ele, à medida que o homem avança do estado religioso para o científico vai-se movendo da sua infância para a maturidade intelectual. Karl Marx, criador do determinismo económico que deu nascimento ao comunismo moderno; Segismund Freud, cria-

dor da teoria do inconsciente e da técnica da psicanálise e Frederico Nietzsche, filósofo alemão, navegaram na mesma corrente de ateísmo. Este último precisamente cunhou a frase: «Deus morreu.» O ramo ateu dos existencialistas modernos — cujos principais representantes são Camus, Sartre e Heidegger — também pretende negar a Deus.

Não faz muito, coube-me assistir a uma conferência a este respeito. O amplo anfiteatro da Universidade de Stanford, Califórnia, estava repleto de público trinta minutos antes da hora anunciada para o começo da conferência. As portas tinham sido fechadas e grupos de pessoas descontentes regressavam ou davam voltas pelos jardins em frente ao lugar do encontro, esperando escutar talvez do lado de fora o desenvolvimento do tema por meio de alto-falantes. A apresentação de nossa credencial de jornalista nos evitou, felizmente, a mesma sorte e nos permitiu ocupar, na segunda fila de poltronas, um dos últimos assentos reservados para a imprensa.

O orador não era nada menos que o Dr. João A. T. Robinson, bispo anglicano de Woolvich, Inglaterra, que alcançou um quarto de hora de fugaz celebridade devido a que, apesar de levar o hábito de bispo, teve a ousadia de se unir ao grupo da «nova teologia» que nega a Deus. Escreveu recentemente um livro intitulado *Honest to God*, que foi um êxito de livreria desde o princípio. E o foi, não pela novidade de seus conceitos nem pela solidez filosófica ou claridade teológica — já que a verdade é o oposto — mas pela circunstância de que o autor expressa idéias próximas ao ateísmo enquanto conserva um cargo episcopal na igreja oficial da Inglaterra.

Sua conferência de uma hora foi lida palavra por palavra. Somente assim poderia ele ter acumulado tal pletora de frases trabalhadas para expressar conceitos vagos, vazios e sem sentido. Se-

gundo ele, o homem necessita fazer uma revisão fundamental de sua idéia de Deus. Propôs abandonar completamente o nome de Deus, e negou—como o faz em seu livro, Sua existência como realidade objectiva, transcendente, que exista em alguma parte do cosmos.

Embora se pudesse escrever um livro inteiro sobre este movimento que o ateísmo maneja como seu lema fundamental e embora possa falar-se extensamente acerca de suas principais figuras, não acreditamos que mereça que se lhes dedique aqui mais que esta mera menção, somente para colocar o rótulo que identifique a esses pensadores.

Em troca, para ser construtivos, queremos responder a duas perguntas básicas: 1) Existe algum fundamento sólido para edificar uma certeza a respeito da existência de Deus e da fé cristã? 2) Que sentido tem este surgimento moderno do ateísmo, aparecido esta vez no seio de algumas das próprias instituições máximas que pretendem ensinar o cristianismo?

A Certeza científica da existência de Deus;

Nesta era de conquistas científicas alguns pretenderam não aceitar outra coisa que aquilo cuja existência pudesse ser demonstrada por provas empíricas realizadas no laboratório. E portanto exigiram uma prova da existência de Deus. Mas ao fazê-lo adoptaram a atitude mais anticientífica que se possa conceber.

Não se pode comprovar empiricamente a existência de Deus, assim como não se pode demonstrar no laboratório a existência do amor nem a da angústia. A estas grandes categorias imateriais, que escapam à experimentação científica, não se pode aplicar o método empírico que permite observar, medir, pesar, tocar, projectar sobre a tela, etc.

Mas Deus tampouco necessita ser demonstrado ou provado. Sua existência é um axioma: é uma verdade evidente e necessária que não exige demonstração. Não podemos provar a infinidade do espaço, mas sabemos que o espaço é infinito porque se trata de uma evidência que se impõe à nossa razão.

Além disso, guiados pela lógica mais elementar, teríamos que cair forçosamente no absurdo, se, por exemplo, ao observar um imenso e complicado edifício de apartamentos, tirássemos a conclusão de que nenhuma mente, bem como nenhuma mão intervieram na obra, mais que a casualidade reuniu os materiais, os tijolos, o cimento, o ferro etc., nas exactas dimensões e proporções que os engenheiros e architectos demoram dias em desenhar e calcular e que também, pela mesma casualidade, esses materiais se foram colocando em seus respectivos lugares e se formaram assim os quartos, os banheiros, as escadas, os elevadores, os fios eléctricos, a instalação de aquecimento e refrigeração, os azulejos e os mil elementos decorativos que entram na construção de uma casa.

Da mesma forma, teríamos que incorrer em um absurdo, somente que mil vezes maior, se quiséssemos afirmar que tanto as maravilhas do macrocosmo, o imensamente grande—onde se abisma o espírito, e a mente se reduz a nada—como as do microcosmo—a célula e o átomo—que revelam um indiscutível propósito, um desenho, uma combinação de leis admiráveis e um desdobramento de forças infinitas, chegaram à existência porque sim, sem a intervenção de um Criador. Com o mesmo raciocínio, a *Iliada* poderia ter sido escrita pelo acaso com a cauda de um porco.

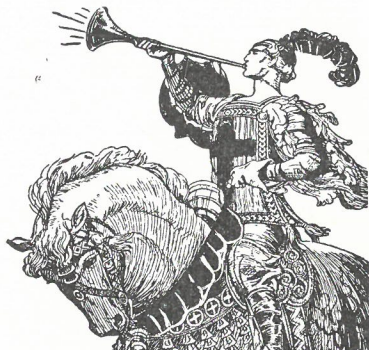
Essa é a causa pela qual não existe povo algum na Terra, por primitivo ou incivilizado que seja, que não tenha algum conceito de Deus. Pode existir povo sem arte, sem indústria, sem agricultura, sem arquitectura, sem vestuário, mas não existe povo sem religião.

Porque além da evidência íntima que cada ser humano tem de Deus, existe um extraordinário desdobramento de realidades externas que sustentam esta convicção e fazem com que o senso comum, do qual cada um de nós está dotado, aceite a existência de um Criador como algo que está fora de toda a discussão. «Os céus proclamam a glória de Deus—afirma a Palavra inspirada—e o firmamento anuncia a obra de Suas mãos.» (Sal. 19:1).

Página

da

Juventude



AMIZADE

O homem não foi criado para viver só (Gênesis 2:18). Deus criou-lhe imediatamente uma companheira.

Sentimos, pois, necessidade de conviver. Durante alguns anos da nossa existência não fazemos diferença na escolha do sexo do companheiro. A partir, no entanto de certa idade sentimos atracção por companheiros do sexo oposto.

Seja qual for a espécie de pessoa que desejamos para nosso companheiro, devemos ter em atenção a influência que ele pode exercer sobre nós.

No livro «Mensagens aos Jovens» encontramos a seguinte mensagem que devia merecer-nos uma atenção muito especial: «Deve a juventude cristã exercer grande cuidado na formação de amizades e na escolha de companheiros. Cuidai, para que isso que hoje julgais ser ouro puro, não se vos demonstre metal vil». Pág. 436.

Este cuidado precisa ser orientado, e os Jovens deviam ouvir com atenção as pessoas experientes e cuidadosas.

As palavras que ouvimos, as opiniões que exprimimos podem exercer uma influência mais perniciosa que uma ferida que, geralmente depois de tratada não deixa sinal.

Precisamos em primeiro lugar, pensar na nossa amizade com pessoas de outra igreja. Podem ser muito boas, correctas, mas procurarão levar-nos para o seu terreno. Eis um conselho sábio: «Muitos julgam dever fazer algumas concessões para agradar

aos parentes e amigos irreligiosos... Uma concessão prepara o caminho para outra, até que os que eram dantes verdadeiros seguidores de Cristo se acham, na vida e no carácter, moldados segundo os costumes do mundo». *Mensagens aos Jovens*, pág. 432.

E esta amizade torna-se ainda mais perniciosa quando se pretende transformar a amizade em amor.

As Sagradas Escrituras aconselham-nos a não nos prendermos a um jugo desigual. II Coríntios 6:14.

Não há muito tempo um jovem que procurava conquistar o amor de uma jovem cristã consentiu em acompanhá-la à Igreja, frequentar os cultos, etc. Parecia inteiramente convertido. No mesmo dia do casamento lhe proibiu a ida à Igreja e toda a vida religiosa.

«Coisa perigosa é formar uma aliança mundana. Satanás bem sabe que a hora que testemunha o casamento de muitos moços e moças, fecha a história de sua experiência e utilidade cristãs. Poderão por algum tempo fazer um esforço para viver vida cristã, mas todos os seus esforços são envidados contra uma constante influência em direcção oposta.» *Mensagens aos Jovens*, pág. 454.

Quantos problemas se evitariam se os Jovens dessem ouvidos à voz da Palavra de Deus e do Espírito de Profecia...

Há outro ponto que desejamos frisar sobre as amizades. Diz o sábio Salomão que

Continua na pág. 10

A Semana de Oração M. V.

Por A. Casaca

É bem interessante a história da Semana de Oração M. V. Os responsáveis pelo nosso movimento mundial viviam um clima de verdadeira preocupação acerca da juventude da igreja remanescente, quando no dia 6 de Julho de 1906 resolveram aprovar o plano de realizar-se, em cada igreja e colégio, uma semana especialmente dedicada à juventude.

Um ano mais tarde foi organizado o departamento dos Missionários Voluntários jovens. Durante alguns anos o dia dos M. V. oscilou de mês para mês, sem haver a noção nítida do que isso representava para o departamento M. V., até que em 13 de Outubro de 1916, a Conferência Geral decide que o Dia do *Missionário Voluntário* seria aceite como o nome do dia da nossa juventude.

Entretanto, a grande nova veio no Concílio do Outono da Conferência Geral de 1920, realizado em Indianápolis. Aí foi recomendado que cada união providenciasse a realização da Semana dos Missionários Voluntários. Todos os obreiros, nessa ocasião especial, deveriam dedicar a melhor atenção à salvação da juventude. Em nossos colégios, a semana de oração M. V. deveria coincidir com a primavera o que certamente concorreu para que fosse escolhido o mês de Março como a melhor altura para este acontecimento a favor da nossa querida juventude. A partir daí, o mês de Março, tem sido designado, anualmente, pela Conferência Geral para a semana e para o dia do Missionário Voluntário.

Em 1922 aparecem as primeiras leituras para a Semana de Oração M. V. e esta realizou-se de 17 a 25 de Março. Na elaboração dessas leituras aparecem M. E. Kern, o primeiro secretário missionário da Conferência Geral, C. A. Russel, Sra. Harriet Holt e Ellen G. White, todos pioneiros na obra da juventude na Igreja.

Através de todos estes anos a igreja tem sido provida com material para a Semana dos M. V., preparado com todo o cuidado pelos nossos melhores escritores. Esta tem-se tornado uma oportunidade áurea de evangelismo a favor da nossa juventude. A igreja toda dedica-se, especialmente nessa altura, à juventude e seus problemas.

Os relatórios arquivados nas nossas igrejas e instituições mostram como Deus tem abençoado grandemente este género de tra-

balho e como muitos jovens assim têm encontrado o Salvador.

Qual é a razão da Semana de Oração M. V.?

Os jovens de hoje vivem num mundo complexo e confuso. O coração é-lhes atraído por seduções que não alcançaram os seus avós, pelo menos na sua juventude. A frequência a teatros, o automóvel, o rádio, a televisão e o séquito de interesses e diversões que os acompanham, apresentam uma miniatura de bem e mal que deixa aturdidos até os de mais experiência e maturidade.

É difícil, por vezes, conciliar os princípios com a rotina da vida. — Existem muitas influências que levam os jovens a negligenciar as suas convicções religiosas, especialmente quando essas convicções se interpõem no caminho das suas próprias oportunidades interesseiras.

Duas breves mensagens do Espírito de Profecia são bem sintomáticas. Elas declaram que a juventude necessita de auxílio para enfrentar a vida moderna.

«Homens e mulheres de experiência deveriam compreender que este é um tempo de especial perigo para a juventude. Cercam-nos tentações de todos os lados; e, ao passo que é obra fácil flutuar com a corrente, é necessário forte esforço para lutar contra a maré do mal. É estudado esforço de Satanás reter a juventude no pecado, pois assim ele estará mais seguro da posse do homem. O inimigo das almas está cheio de ódio contra todo o esforço para influenciar a juventude na direcção certa.» *Test. Vol. IV*, pág. 421.

«Estamos vivendo num século desafortunado para as crianças. Uma forte corrente, desce rumo à perdição e há necessidade de experiência e força mais que infantis para lutar contra esta corrente e não ser levado por ela.» — *Idem*, Vol. I, pág. 397.

A sociedade dos Missionários Voluntários foi organizada para puro evangelismo. Esta é a única razão da sua existência. Os jovens precisam de preencher a sua responsabilidade de advertir outros jovens. A juventude adventista necessita compreender a igreja e o seu propósito, a fim de acertar o passo. O apresentar as boas novas pode ser feito de muitas maneiras e a Semana de Oração M. V. é uma das maiores oportu-

nidades do ano para partilharmos a nossa fé.

Há entre nós muitos jovens que passaram a idade-nível da decisão e ainda permanecem indecisos por Cristo e a Sua igreja. Outros que já uma vez fizeram a sua decisão, entraram para os caminhos do mundo. São esses que necessitam especial atenção e esforço por parte da igreja para que sejam salvos e estabelecidos na verdadeira experiência cristã. Acontece também, muitas vezes, que um jovem se está desenvolvendo bem na igreja, quando subitamente há uma queda ou se manifesta uma atitude indiferente. A experiência de um jovem deve ser devidamente assistida, exigindo a mais completa vigilância e cuidado da parte de todos nós, os de mais idade, a fim de ganhá-los para Cristo e instruí-los na igreja.

O que é a Semana dos M. V.?

A semana dos Missionários Voluntários é uma série de reuniões adaptadas especialmente no propósito de salvar o descuidado e indiferente entre os jovens e aprofundar a experiência espiritual de todos. É um despertamento da igreja a favor da juventude. O seu grande objectivo, é revelar o lugar da juventude no real programa da igreja. É realçar as responsabilidades da tarefa que incumbe a cada jovem de partilhar a sua fé e de que a igreja deve possuir completamente a sua juventude. É estimular os missionários voluntários de todas as partes a entrar em acção e prepará-los para uma experiência que demonstre a força e a unidade do nosso companheirismo cristão.

Deviam-se envidar acurados esforços, a fim de preparar os verdadeiros líderes das sociedades M. V. Todos os membros de igreja devem ser alistados nesta tarefa. Não é uma tarefa apenas da sociedade dos jovens, mas antes uma semana especial em que toda a igreja deve procurar a sua juventude e edificá-la nas coisas de Deus.

Esta semana apresenta um triplice propósito e para se chegar a um melhor resultado, dever-se-ia dar ênfase:

1. — À criação de um maior interesse e mais profundo sentimento de bondade e simpatia da parte da igreja para com os jovens.
2. — Desenvolvimento do poder e do senso da salvação de almas entre a juventude e seu alistamento nas actividades e responsabilidades da igreja.
3. — Conquista da juventude, para que faça uma decisão definitiva por Cristo levando-a a experimentar a mais profunda e duradoira conversão.

Oxalá que a próxima semana de oração M. V. nos ajude a salvar e reerguer a juventude da igreja remanescente para a grande tarefa de abreviar a vinda gloriosa do Salvador.

AMIZADE

Continuação da pág. 8

há tempo para tudo. Eclesiastes 3:17. Assim, não devem os Jovens ultrapassar certos limites que são próprios à sua idade. Amizade com todos, camaradagem, alegria, só é possível existir quando não se ligam a compromissos muito cedo.

«Afeições formadas em tenra idade têm muitas vezes resultado em uniões infelizes, ou em vergonhosas separações... As afeições juvenis devem ser refreadas, até chegar o período em que a idade suficiente e a experiência tornarão honrosa e segura a sua manifestação». *Mensagens aos Jovens*, pág. 452.

Desejariamos terminar com o seguinte trecho que deixamos à consideração de todos os Jovens:

«Há três grandes decisões que todo o ser humano tem de tomar. A primeira, a aceitação ou rejeição de Jesus Cristo. A segunda, a escolha de profissão. A terceira, a selecção de um consorte. A religião muitas vezes lhe é legada por velhas tradições. Na escolha da profissão, o homem procede com raciocínio e entendimento. Passa muitas vezes longos anos em intensivo preparo para a ocupação vitalícia. Procura orientar-se por outros e aconselhar-se pela sabedoria dos séculos. Quanto à terceira e última decisão, porém, é o homem muitas vezes guiado por nada mais que um deslumbrante romance, apoiado em um impulso apaixonado. Seu metro de raciocínio aqui muitas vezes tem o comprimento reduzido, e fazem-se ajustes especiosos para atribuir ao casamento um romantismo presidido por um falso brilho e uma paixão impetuosa». — *Pastor, estou amando*, pág. 34.

Que Deus possa ajudar os nossos Jovens a escolher o verdadeiro e bom caminho.

J. MORGADO

TROCA DE CORRESPONDÊNCIA

Publicaremos o nome e direcção de Jovens que desejem trocar correspondência entre si:

CARLOS ALBERTO ROQUE MONTEIRO
Caixa Postal 37 — BENGUELA

Noticiário M. V.

SÁBADO E ACTIVIDADES M. V.

Uma recomendação deste Departamento pretende chamar a atenção para a santidade do dia do Sábado; nele não devem ser levadas a efeito actividades M.V. que não estejam de acordo com a santidade do dia.

COLABORAÇÃO QUE OS OUTROS DEPARTAMENTOS PEDEM AOS JOVENS

Departamento da Escola Sabatina:

- a) Escolas Cristãs de Férias
- b) Escolas Sabatinas Anexas

Departamento de Actividades Leigos:

- a) Campanha da Grande Semana
- b) Campanha das Missões
- c) Trabalho de Prêgadores Leigos
- d) Trabalhos nas equipas de Socorro e Centros de Assistência

A VOZ DA MOCIDADE

Desejamos tornar diferente a Semana de Oração de 1972.

Ela deve ser organizada num espírito missionário e com a colaboração dos Jovens.

O plano das reuniões é o seguinte:

- Uma reunião de Evangelismo público cada noite.
- Uma reunião de oração destinada aos Jovens cada manhã, das 6:30 às 7:00 horas.

Preparativos para a Semana:

- a) Preparação dos membros da Igreja, pela Oração.
- b) Convites pessoais a camaradas, companheiros de trabalho, vizinhos, etc.
- c) Distribuir convites.
- d) Organizar equipas de amizade — Jovens e adultos que dois a dois visitem antigos Jovens da Igreja e mesmo membros mais velhos.

Reunião da manhã

- 1. Leitura da comunicação da Semana de Oração

- 2. Música especial
- 3. Poesia
- 4. Hinos Especiais
- 5. Grupos de Oração

Reunião da noite

- 1. Filmes ou «slides» sobre a natureza, etc.
- 2. Música Especial
- 3. Coral no fim da reunião
- 4. *Tudo:* Hinos, música, orações, pelos Jovens
- 5. Um folheto com hinos dinâmicos para serem cantados todos os dias.

Actividades Especiais

- a) Relatórios de viagens
- b) Entrevistas com pessoas: atletas, polícias, bombeiros, que não fumem nem bebam
- c) Estas entrevistas podem ser gravadas e apresentadas no momento próprio
- d) Uma mensagem especial de valor para a Juventude.

Reunião Especial Sábado à Noite

- a) Um cântico no meio do sermão
- b) Um apelo especial, pelo conferencista, para solucionar a sua vida.
- c) Uma oração de consagração.

Incentivos para presenças

- 1. Cartão distribuído diariamente
- 2. Um livro dado em troca de sete senhas.

Como tirar proveito desta semana?

- 1. Organizar estudos bíblicos nos lares daqueles que desejem
- 2. Preparação de uma classe baptismal
- 3. Grande dia de Baptismos M. V. em Agosto!

Vida Eterna em Jesus

J. W. Halliday

Desde os tempos mais remotos da história da Terra muitas criaturas humanas tiveram uma visão, uma idéia, das bênçãos da vida eterna em Jesus Cristo. Sua santa paz, a felicidade celestial, o gozo indescritível, o maravilhoso companheirismo, o admirável conhecimento, o estupenda riqueza de sabedoria, as encontradoras maravilhas, a liberdade de estudar o vasto universo de Deus, o constante desenvolvimento dos característicos mais nobres e a perfeita harmonia com o Pai eterno e com Seu adorável Filho, nosso amado Salvador, tudo se revelou ao homem!

Isto está de acordo com o extraordinário plano de Deus: «Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo Seu muito amor com que nos amou, ... nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus; para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da Sua graça, pela Sua benignidade para connosco em Cristo Jesus». Efés. 2:4-7.

O patriarca Enoque, na sétima geração de Adão, foi um dos que tiveram

uma idéia celestial da imortalidade em Jesus Cristo, o que o ajudou a andar em comunhão tão íntima com Deus, durante séculos, de tal maneira que Deus o tomou, afinal, para Si, para que ele servisse de maravilhoso exemplo para todos, de alguém entrar no gozo da vida eterna, com as inúmeras bênçãos celestiais. Leiamos: «E andou Enoque com Deus; e não se viu mais; porquanto Deus para Si o tomou». Gén. 5:24.

Enoque sabia que a vinda de Jesus Cristo, em glória, não somente traria a punição dos ímpios, mas também traria a recompensa dos santos, com a riqueza da vida eterna. Eis o que está escrito: «E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de Seus santos; para fazer juízo contra todos...» S. Judas 14 e 15.

David, o suave cantor de Israel, foi inspirado a escrever seus salmos de louvor, de oração e de triunfo, em parte por causa de sua firme crença nos gozos da vida eterna que esperava possuir. Eis o que ele escreveu em alguns de seus mais antigos salmos: «Quanto a mim, contemplarei a Tua

face na justiça; satisfazer-me-ei da Tua semelhança quando acordar». «Far-me-ás ver a vereda da vida; na Tua presença há abundância de alegrias; à Tua mão direita há delícias perpétuamente». Sal. 17:15; 16:11.

Elias, o heróico profeta que, afinal, foi trasladado da Terra para o Céu, num carro de fogo, sabia de antemão que estava para entrar no gozo da gloriosa imortalidade, por isso que disse a Eliseu, enquanto andavam juntos: «Pede-me o que queres que te faça, antes que seja tomado de ti. E disse Eliseu: Peço-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim.» E ainda lemos: «Eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao Céu num redemoinho.» II Reis 2:9 e 11. A trasladação de Enoque ocorreu em segredo, tanto quanto sabemos, mas a de Elias foi pública e notória, com cinquenta testemunhas especiais, além de Eliseu, e «os filhos dos profetas», que também foram divinamente advertidos do que estava para acontecer, pois estavam aguardando o sublime evento. Que maravilhosa manifestação de divino poder e de glória divina para termos a certeza da gloriosa imortalidade mediante Jesus Cristo! Elias creu fielmente no então futuro grande sacrifício de Cristo, o Cordeiro de Deus, quando orou no Carmelo: «Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo conheça que Tu, Senhor, és Deus, e que Tu fizeste tornar o seu coração para trás. Então caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, ...o que vendo todo o povo, caíram sobre os seus rostos, e disseram: Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!» I Reis 18:37-39.

Daniel, o grande estadista e profeta de Deus em Babilónia, escreveu esta ligeira profecia, suas últimas palavras, no livro de Daniel: «Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás, e estarás na tua sorte, no fim dos dias». Dan. 12:13. Assim, estava ele certo da vida eterna no fim, depois de repousar na sepultura, ressuscitando para herdar a vida eterna — não nas cortes de Babilónia, mas nas eternas mansões da glória celestial.

Numa das grandes profecias que por seu intermédio nos foram dadas, Daniel relata o admirável facto de que todos os remidos finalmente herdarão o eterno reino de Cristo, o reino do Filho do homem: «Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem: e dirigiu-Se ao ancião de dias, e O fizeram chegar-Se até Ele. E foi-Lhe dado o domínio e a honra e o reino, para que todos os povos, nações e línguas O servissem: O Seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o Seu reino o único que não será destruído.» Dan. 7:13 e 14.

Quem, pois, não estará disposto a crer e a servir ao Senhor Jesus, para que possa ter a certeza da gloriosa imortalidade em Seu eterno reino? Conforme se declara nas Escrituras, esse reino jamais será destruído, mas continuará, com seu maravilhoso esplendor e sua sublime glória, através dos séculos da eternidade.

Quando Jesus esteve neste mundo, como homem, num momento solene no templo, por ocasião do culto, clamou aos que não tinham paz de espírito: «Se alguém tem sede, venha a Mim e beba.» S. João 7:37. Vejamos este importante trecho: «O brado de Cristo à alma sedenta ecoa ainda, e apela para nós com poder ainda maior do que aos que o ouviram no templo, naquele último dia de festa. A fonte está aberta para todos. Aos cansados e exaustos, oferecem-se os refrigerantes sorvos da vida eterna. Jesus clama ainda: 'Se alguém tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida'. 'Aquele que beber da água que Eu lhe der, nunca terá sede, porque a água que Eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna'.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 340.

Há muitos que ouvem o terno e amável apelo do Espírito Santo para que se preparem para a eternidade. Comovem-se com o grande amor de nosso Salvador Jesus Cristo. Estão desejosos de escapar da condenação. E, com o coração contrito, tomam a decisão de entregar-se a Jesus e preparar-se mediante a Sua graça.

LUANDA EM FOCO

Foram de muita inspiração as reuniões da Semana de Reavivamento realizadas em Luanda nos dias 24 a 26 de Setembro do ano findo.

Estiveram presentes o pastor Juvenal Gomes, digno tesoureiro da União Angolana, o pastor E. V. Hermanson e o irmão Daniel Cordas, entusiasta jovem que lidera os trabalhos da Igreja de Nova Lisboa.

Os temas apresentados sobre o Espírito Santo deram à Igreja de Luanda uma maior visão e necessidade de compreender este tema tão importante para nossa vida espiritual. Hoje mais do que nunca a igreja de Deus precisa clamar pelo poder do Espírito Santo em forma de dons espirituais, para concluir a obra a nós confiada. Assim como no dia de Pentecostes, hoje necessitamos que barreiras sejam tiradas e obstáculos removidos para levar aos pecadores um caminho de vida nova em Cristo. Que o Santo Espírito de Deus realmente venha convencer o pecador, do pecado da justiça e do juízo.

No Sábado, dia 25, tive-mos uma linda e comovente cerimónia baptismal, onde 22 preciosas almas se renderam a Jesus. Após o baptismo foi feito um apêlo e 26 pessoas, tocadas pelo Espírito Santo, vieram à frente afim de decidirem participar dum próximo baptismo.

O coral da igreja, orientado pela irmã Arline Hermanson, abrilhantou toda a programação do congresso.

Que Deus tome a Igreja de Luanda em Suas mãos e a faça um instrumento de paz e bênçãos espirituais.

M. S. Castro



Onde estão os Mortos?

Carlyle B. Haynes

Admitimos que haja manifestações misteriosas e sobrenaturais. Concebemos sinceramente haja evidências de poder físico e inteligência que não podem ser explicados por princípios científicos ordinários. Admitimos, também, que se recebam comunicações dos espíritos e do mundo dos espíritos.

Mas insistimos em que o poder assim exercido é um poder maligno; que a inteligência assim manifestada é de má origem; e que os espíritos dos quais se recebem mensagens não são absolutamente dos mortos, mas sim espíritos maus que os pretendem personificar. Sabemo-lo, porque as Escrituras ensinam que os mortos não se podem comunicar com os vivos. A doutrina sobre a qual se baseia todo o sistema está em contradição com as mais claras asserções da Palavra de Deus. Não há maior prova de ser ou não um engano, do que o inspirado ensino das Escrituras acerca do estado dos mortos. Vejamos qual esse ensino.

Voltamo-nos às Sagradas Letras porque elas são dignas de crédito. Temos em seus ensinamentos a mais implícita confiança. Há, naturalmente, outras fontes ainda, das quais podemos obter informações acerca dos mortos. A teologia moderna e os sermões que ouvimos, entram em pormenores a respeito do bendito estado dos que «passaram para a outra vida.»

Mas temos alguma dúvida acerca dessas declarações, pois nos lembramos de que nos são feitas por pessoas

que nunca estiveram mortas e que, portanto, não falam com conhecimento de causa.

Muitas dessas Pessoas há que, não tendo embora nunca estado mortas, se acham muito ansiosas por nos falar acerca do lugar e do estado em que se acham os mortos. Há inumeráveis espíritos a reclamar o direito de serem espíritos de mortos, os quais se mostram cheios de boa vontade para nos comunicar toda a sorte de informações sobre o assunto. Mas como dependemos unicamente de sua própria palavra para os identificarmos, e como tem havido entre eles tanta fraude, está claro que é perigosamente inseguro aceitar essa palavra, especialmente em se tratando de assunto de tão grande importância.

O que realmente precisamos para ter plena certeza quanto a este assunto é o testemunho de pessoa que já tenha estado morta. Precisamos buscar outra autoridade que não a de espíritos errados e de impossível identificação, espíritos que se não manifestariam senão em recintos escuros. Em semelhante fonte não podemos confiar, para as desejadas informações.

Existe, entretanto, um Homem que já esteve morto e que reviveu, o qual conhece todos os pormenores acerca da morte. E Ele apareceu, não num aposento às escuras e em forma vaga, indistinta, mas na Ilha de Patmos. Manifestou-Se, não por pancadas e murmúrios, mas com o rosto resplan-

decente como o Sol em sua força, e Sua forma revestida de glória e brilho de majestade não terrena. Falou, «como a voz de muitas águas». E Ele declarou: «Eu sou o primeiro e o último; e o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. ... E tenho as chaves da morte e do inferno.» Apocalipse 1:17 e 18.

Está aí Aquele cujo testemunho é verdadeiro, merecendo, pois, a nossa confiança. Ele entrou nos domínios da morte, transpô-los e ressurgiu. Está, pois, plenamente habilitado a falar sobre o assunto. E Ele inspirou santos homens da antiguidade para que escrevessem a verdade sobre o assunto. E podemos aceitar esse testemunho como verdadeiro.

Para obter as informações que buscamos não devemos dar costas «Àquele que dos Céus nos adverte», apelando para os dúbios oráculos terrenos. Esse que estava morto e reviveu, exprimiu-Se tão clara e inconfundivelmente acerca desse mesmo assunto, que aos Seus autorizados ensinamentos subordinaremos todas as especulações humanas e todas as humanas teorias.

Assentamo-nos aos pés do Mestre eterno, para d'Ele receber a verdade sobre o assunto. Baseamos nossa fé sobre a Sua Palavra, cujos ensinamentos a respeito da morte passamos agora a examinar, atenta e reverentemente.

Segundo a inspirada Palavra de Deus, a morte não é uma modificação da vida. Não é ela a continuação da mesma em condições mudadas. Não é um libertamento que dá entrada a uma vida mais completa. Não é, também, a vida em bem-aventurança. A morte não é absolutamente vida, em qualquer condição, quer boa quer má. Morrer não é viver. Morrer é cessar de existir. A morte é uma completa cessação da vida.

Morrer não quer dizer ir para o Céu. Tampouco ir para o inferno. Morrer, ainda, não quer dizer ir para o purgatório. Morrer, enfim, não quer dizer dar entrada em qualquer lugar. A morte é o término da vida.

Na morte não há, portanto, vida. A alma não vive. Nem vive o espírito. Não há inteligência, nem consciência,

nem memória. Tudo que compunha o homem se acabou.

Coisa alguma do que se disse acima deve, entretanto, ser interpretado como significando que não haverá vida futura. Haverá, sim. Mas ela não será continuação da vida presente. Será uma vida inteiramente nova, toda diversa. E começará, não por ocasião da morte, mas quando os mortos ressurgirem.

Deus, só, é imortal. I Timóteo 6:13-16. O homem é totalmente finito e mortal. Job 4:17. É-lhe possível alcançar a imortalidade. Romanos 2:5-7. Mas isso só pelo evangelho de Cristo. II Timóteo 1:10. A ocasião de assumir esta imortalidade, obtida como é pelo evangelho, não é nesta vida, nem por ocasião da morte, mas sim da ressurreição dos mortos. I Coríntios 15:51-54.

Não obstante este claro ensino das Escrituras, há quem persista em atribuir um sentido figurado e místico aos inconfundíveis termos em que tratam do assunto, alterando a significação desses termos, a ponto de chegarem a ensinar exactamente o contrário do que ensinam. Deste modo é que a morte passou a ser conhecida como significando vida.

Assim, a mesma doutrina da natural imortalidade da alma que se originou com aquele que é «mentiroso desde o princípio», quando ele, Satanás, disse aos nossos primeiros pais: «certamente não morrereis» (e isso a despeito das mais positivas declarações de Jeová em contrário), essa mesma doutrina é ainda mantida e perpetuada pela ciência eclesiástica e a literatura e filosofia profanas, desvirtuando o significado das claras palavras das Escrituras.

Cegados por este primeiro engano satânico, ainda hoje há teólogos que afirmam, gravemente, que a alma humana é imortal, não podendo, pois, nunca morrer, ou ser destruída, e que ela tem de viver e viverá para sempre. Daí, naturalmente, assegurarem eles que todas essas passagens da Escritura as quais parecem ensinar que ela morrerá, que será destruída, que não viverá para sempre, não podem absolutamente significar isso mesmo.